

# Marcas & Negócios

## BIROSCA

# Hub para expressões culturais

A Biroscas se consolidou como um dos espaços mais simbólicos da vida noturna alternativa de Brasília. Frequentado por artistas, estudantes e amantes da cena underground, o local vai além da definição de “balada”: tornou-se um ponto de encontro para todos os públicos. No coração do Setor de Diversões Sul, o ambiente transforma a capital, tornando-a menos institucional e mais diversa e pulsante. Fundada em 2019, a casa é a continuação de um projeto que existia, anteriormente, no subsolo do Teatro Dulcina — conhecido como Sub Dulcina —, no Centro Comercial Boulevard (Conic).

“Desde a década de 1990, o espaço já recebia diversas festas e manifestações culturais. Em 2015, realizamos uma reforma para receber coletivos, eventos, bandas e DJs, fortalecendo a ocupação cultural do local. A Biroscas surgiu como uma evolução natural desse processo, dando continuidade a esse trabalho”, conta Carlos Eduardo Peixoto Guimarães, sócio-fundador e produtor cultural da Biroscas.

O nome “Biroscas” veio de forma despreziosa, em uma conversa com Igor Albuquerque, seu sócio. “A gente tem que ser exatamente o que é: uma biroscas no centro do Conic”, recorda Kaká acerca da fala do amigo. “Quando ouvimos aquilo, percebemos imediatamente que aquele era o nome certo. Ele representava exatamente o que sentíamos naquele momento”, complementa.

A ideia que deu origem ao nome também dialogava diretamente com o lugar onde o projeto iria residir. Além de Kaká e Igor, o espaço foi idealizado pelas sócias Carol Borges e Mayara Machado, formando o grupo responsável pela criação da Biroscas. Para eles, permanecer no Conic aconteceu de forma natural.

O sócio-fundador e produtor cultural ressalta que o local sempre abrigou a cultura alternativa do Distrito Federal. Na percepção do empresário, a localização no centro da cidade, ao lado da Rodoviária do Plano Piloto, faz dele um ponto de

encontro democrático para diferentes públicos. O empreendedor também comenta que, antes de iniciar as atividades da Biroscas, os sócios perceberam que faltava um ambiente na cidade capaz de abrigar produtores, coletivos e iniciativas culturais.

“A cena existia e era bastante criativa, mas havia uma carência de espaços independentes que acolhessem novas ideias, diferentes linguagens artísticas e eventos produzidos de forma colaborativa”, explica. Mantendo a sua essência, a casa cresceu com o passar dos anos e se consolidou como um ambiente que, além da cultura, também promove a inclusão e o respeito à diversidade.

“É um espaço onde as pessoas podem realmente ser quem são, sem medo de julgamento ou preconceitos”, diz. Atualmente, Kaká enxerga a Biroscas como um hub de economia criativa e de curadoria cultural. Para ele, espaços alternativos, como a Biroscas, ajudam a fomentar a cena local, criar oportunidades para novos talentos e formar público para diferentes tipos de eventos e manifestações culturais.

“Eles funcionam como laboratórios de criação, onde artistas podem experimentar, desenvolver seu trabalho e construir uma trajetória. Essa cadeia produtiva da cultura alternativa é fundamental, porque é dela que surgem muitos dos grandes artistas e projetos culturais do futuro. Tudo começa nesses espaços”, afirma.

### Além das festas

O sócio-fundador destaca que, ao longo dos anos, a Biroscas já realizou diversos cursos, oficinas e atividades formativas. Atualmente, a casa está trabalhando no lançamento da Escola de Produção da Biroscas, que pretende oferecer cursos em diferentes áreas da cultura.

“A proposta é desenvolver um laboratório de imersão cultural com profissionais experientes do mercado, oferecendo conteúdos práticos e atualizados para que mais pessoas possam se qualificar

### Três perguntas para Carlos Eduardo Peixoto Guimarães, sócio-fundador e produtor cultural da Biroscas



Divulgação

#### Como vocês definem a identidade musical da Biroscas?

Diversa e alternativa. Ela também depende muito dos produtores que realizam eventos na casa. Temos vários parceiros que desenvolvem suas próprias festas e propostas culturais, o que faz com que a programação seja bastante plural. Ao longo dos anos, recebemos festas de música eletrônica, pop, música latina, funk e diversos outros gêneros, além de muitas festas voltadas ao público LGBTQ+. Por isso, mais do que seguir uma única linha musical, ser um espaço aberto para diferentes sonoridades, cenas e comunidades culturais.

#### O que vocês ainda sonham em fazer?

No novo espaço da Biroscas, estamos trabalhando para criar um ambiente onde diversas atividades possam acontecer tanto durante o dia quanto à noite. Nosso sonho é contribuir para que o Conic seja cada vez mais vivo, humano e ocupado pelas pessoas todos os dias da semana. Queremos ajudar a consolidar o Conic como uma grande referência da arte e da cultura brasiliense.

#### Você acha que Brasília ainda carece de espaços culturais independentes?

Com certeza. E, nesse caso, é importante olhar para o Distrito Federal como um todo, não apenas para o Plano Piloto. Eu acredito que cada cidade deveria ter seus próprios pontos de encontro, suas casas de cultura e seus espaços independentes. Isso vale tanto para as regiões administrativas do Distrito Federal quanto para as cidades do entorno. Seria muito positivo se cada localidade tivesse uma cena cultural ativa, com espaços capazes de receber diferentes manifestações artísticas e formar públicos diversos.

e construir uma trajetória profissional na cultura e no entretenimento”, conta.

Para fortalecer a cultura na cidade, Kaká indica que, recentemente, foram realizadas oficinas de discotecagem, videomapping, atuação de VJs e marketing

de guerrilha. “A ideia é aprofundar esse trabalho, formando novos produtores, artistas e agentes culturais e compartilhando conhecimentos sobre produção cultural, editais, leis de incentivo e economia criativa”, indica.

## ECONOMIA CRIATIVA



O arquiteto Igor Garcia busca opções de traje para um casamento



Andreza Dantas e Matheus Souza, organizadores do BSBrechós



Chris Meireles expõe peças de diferentes marcas a partir de R\$ 18

» GIOVANNA KUNZ

Enquanto a indústria da moda produz cerca de 100 bilhões de peças de roupa por ano no mundo, mais de três mil por segundo, iniciativas de moda circular tentam desacelerar os impactos ambientais do consumo excessivo. Segundo dados da Fundação Ellen MacArthur, cerca de 92 milhões de toneladas de resíduos têxteis são geradas anualmente no planeta, sendo quatro milhões apenas no Brasil. Em meio a esse cenário, os brechós vêm conquistando novos públicos e espaços na capital federal.

Na 17ª edição do BSBrechós, mais de 13 brechós ocupam, pela primeira vez, um espaço dentro do Liberty Mall, na Asa Norte. O evento itinerante reúne peças vintage, roupas de grife, acessórios e garimpos com preços acessíveis. A iniciativa surgiu no ano passado e tem como foco fortalecer a moda sustentável.

A idealizadora da feira, Andreza Dantas, 29 anos, organizadora do BSBrechós e dona do brechó The Closet, explica que o projeto nasceu da vontade de valorizar os pequenos empreendedores da moda circular. “Percebia que existiam muitos brechós incríveis, mas poucos espaços organizados e acessíveis para conectar esses lojistas ao público”, afirma.

Segundo Andreza, o preconceito em torno das roupas de segunda mão diminuiu nos últimos anos. “Hoje, o público entende que comprar em brechó é consumir com consciência, economizar e ainda encontrar peças exclusivas. A moda circular deixou de ser apenas uma alternativa e passou a fazer parte do estilo de vida de muita gente”, diz.

Além da sustentabilidade, ela destaca o impacto econômico desse modelo de consumo. “Muitas mulheres encontram nesse mercado uma forma de renda e independência financeira. Cada peça carrega história, identidade e personalidade”, completa.

Entre os visitantes da feira está a bombeira militar Gabrielle Carvalho, 36, que descobriu o evento pelo Instagram. Frequentadora

# A moda abraça os brechós

Consumo sustentável ganha força com feira que reúne expositores, consumidores e peças cheias de história no Liberty Mall

de brechós desde a infância, ela conta que o hábito vem da família. “A gente sempre gostou de ir em bazar de igreja e brechó. Hoje virou até encontro de família”, relata.

Para Gabrielle, o grande diferencial está na autenticidade das peças. “Quando você vai a uma loja normal, já sabe o estilo que vai encontrar. No brechó existe imprevisibilidade. Em tempos de fast fashion, encontrar peças artesanais e diferentes vale muito”, afirma.

A influenciadora Giovanna Fernandes, 32, também acompanha os eventos pelo Instagram e começou a comprar roupas de segunda mão em uma fase em que não tinha condições de consumir em lojas tradicionais. “Fui entendendo mais sobre moda circular e reaproveitamento de roupas”, explica.

Hoje, ela vê o brechó como um espaço de histórias. “Cada roupa viveu alguma coisa antes de chegar até mim. Acho incrível imaginar isso”, comenta.

Victor Hugo, 24, empreendedor responsável pelo Vinovi Brechó, começou no ramo

Fotos: Giovanna Kunz/CB/D.A Press



após dificuldades no mercado formal de trabalho. “Queria explorar um novo caminho profissional e decidi abrir meu próprio negócio”, conta.

Sem loja física, Victor passou de feiras de brechó desde o ano passado. Sua curadoria mistura peças de luxo e roupas acessíveis. “Gosto de trabalhar com tecidos nobres, mas também trazer opções baratas sem perder qualidade”, explica. As peças variam entre R\$ 19,90 e R\$ 800.

das, ocupou diversos espaços e projeta um novo endereço. “Vejo que finalmente as pessoas estão entendendo o valor histórico e cultural dessas roupas”, diz.

Quem também expõe na feira é a jornalista e consultora de imagem Chris Meireles, 55, do brechó Impression by Chris Meireles. O negócio nasceu na pandemia, quando começou a trocar consultorias de imagem por peças de roupa das clientes.

“A pandemia trouxe muitas mudanças de

corpo e estilo. As pessoas precisavam renovar o guarda-roupa e foi assim que o brechó surgiu”, explica. Chris afirma que trabalha com uma curadoria cuidadosa, priorizando peças em perfeito estado e marcas de qualidade.

Ela destaca ainda a importância simbólica desta edição no Liberty Mall. “Essa entrada em um shopping é pioneira para a moda sustentável. Antes, existia muito preconceito com brechó. Hoje, percebemos que as pessoas estão mais abertas”, afirma.

### Além da compra

A advogada Michelle Nunes, 35, vê os brechós como uma experiência além da compra. Frequentadora assídua, ela acredita que a moda sustentável amplia as possibilidades de estilo de forma acessível. “Existe uma variedade muito maior. É um espaço onde a gente se permite viver novas experiências”, diz ela, que encontrou em uma peça como incentivo para atingir a meta de perda de peso. “Não serve em mim agora, mas eu vislumbrei e falei: ‘Vou usar essa peça’”.

Já o arquiteto Igor Garcia, 25, conheceu o evento pelo TikTok e decidiu visitar a feira pela primeira vez enquanto procurava roupas para um casamento. “Em São Paulo já tive experiências muito boas em brechós”, comenta.

Em meio a araras lotadas, peças vintage e consumidores em busca de exclusividade, o BSBrechós mostra que os brechós deixaram de ocupar apenas pequenos espaços alternativos para ganhar destaque em ambientes antes dominados exclusivamente pela moda tradicional.

### SERVIÇO

#### BSBRECHÓS — 17ª EDIÇÃO

- Liberty Mall — Asa Norte
- 2º piso, ao lado da praça de alimentação
- Hoje
- Das 10h às 19h